



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

Anna Carolina Russi

EFEITOS DA ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA COM
ALUNOS DE TELEJORNALISMO

Florianópolis

2013

Anna Carolina Russi

EFEITOS DA ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA COM
ALUNOS DE TELEJORNALISMO

Trabalho de Conclusão do Curso de Fonoaudiologia apresentado ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia, sob orientação da Professora Doutora Maria Rita Pimenta Rolim.

Florianópolis

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

Anna Carolina Russi

**EFEITOS DA ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA COM ALUNOS DE
TELEJORNALISMO**

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, julho de 2013

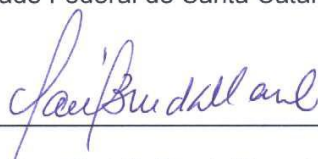
Banca Examinadora:



Prof.ª. Dra. Maria Rita Pimenta Rolim

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª. Dra. Cláudia Bruck Marçal

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª. Dra. Cárilda Emerin

Universidade Federal de Santa Catarina

Falar bem é evitar o vulgar e não apelar para o rebuscado. Falar bem não é falar bonito. É dizer a verdade.

(Pedro Bloch, 2003)

RESUMO

Introdução: Por muitos anos a fonoaudiologia atuou com uma visão clínica de tratamento dos distúrbios da comunicação, porém, com o tempo a profissão foi expandindo sua forma de trabalho, sendo hoje responsável por aprimorar a comunicação também. Os telejornalistas são um dos profissionais da voz que buscam esse atendimento de aperfeiçoamento vocal, com o intuito de melhorar a comunicação verbal e não verbal. **Objetivo:** Verificar os efeitos da atuação fonoaudiológica com estudantes de telejornalismo da UFSC **Metodologia:** A população desta pesquisa foi composta de seis acadêmicos de jornalismo, que participaram de sessões de atendimento fonoaudiológico com a finalidade de aperfeiçoar a voz. Foi realizada uma avaliação inicial e uma final com cada indivíduo, na qual foi feita a avaliação perceptivo-auditiva de reportagem e medição dos tempos máximos de fonação. **Resultados:** Como resultado foi encontrado que apenas um sujeito não obteve melhora dos TMFs após a atuação. No momento pré-atuação fonoaudiológica foram classificados como adequados: quanto ao pitch, um sujeito; *loudness*, três; ressonância, dois; velocidade e ritmo, nenhum; articulação, cinco; pontuação e pausas, nenhum e expressão corporal, dois. Após a atuação, foram considerados adequados: quanto ao *pitch*, cinco; *loudness*, seis; ressonância, seis; velocidade e ritmo, dois; articulação, cinco; pontuação e uso de pausas, seis e expressão corporal, quatro. **Conclusão:** Com a pesquisa foi possível concluir que a atuação fonoaudiológica com acadêmicos de jornalismo da UFSC gerou mudanças no perfil vocal e na comunicação não verbal dos mesmos, quando em situação de mídia televisiva, sendo esta atuação eficaz no aperfeiçoamento vocal dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE

Voz, Treinamento da Voz, Jornalismo

Sumário

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO	8
1.2 OBJETIVOS	8
1.2.1 Objetivo Geral	8
1.2.2 Objetivos Específicos	8
1.3 JUSTIFICATIVA	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 PRODUÇÃO VOCAL	10
2.2 PSICODINÂMICA VOCAL	13
2.3 TELEJORNALISMO	15
3 METODOLOGIA	20
4 RESULTADOS	23
4.1 TEMPOS MÁXIMOS DE FONAÇÃO	23
4.2 AVALIAÇÃO PERCEPTIVO-AUDITIVA	24
5 DISCUSSÃO	29
6 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Conforme o art. 4º da Lei nº 6965/81, que regulamenta a profissão do fonoaudiólogo:

Art. 4º: É da competência do Fonoaudiólogo e de profissionais habilitados na forma da legislação específica:

- a) desenvolver trabalho de prevenção no que se refere à área da comunicação escrita e oral, voz e audição;
 - b) participar de equipes de diagnóstico, realizando a avaliação da comunicação oral e escrita, voz e audição;
 - c) realizar terapia fonoaudiológica dos problemas de comunicação oral e escrita, voz e audição;
 - d) realizar o aperfeiçoamento dos padrões da voz e fala;
- [...]

Professores, padres, telemarketing, atores, cantores, radio e telejornalistas, vendedores, operadores da bolsa de valores e advogados são exemplos de profissionais da voz. Os profissionais da voz têm se transformado cada vez mais em um foco de trabalho importante para os fonoaudiólogos, uma vez que utilizam suas vozes como instrumento de trabalho, dependendo dela como meio de subsistência.

De acordo com Stemple (2010), os sujeitos que dependem da voz para exercer suas profissões estão mais suscetíveis a desenvolver patologias vocais, sendo que esses problemas causam um impacto mais forte nesse grupo porque a disfonia prejudica a habilidade profissional desses indivíduos.

No caso dos telejornalistas, já há a preocupação por parte dos próprios profissionais em não apenas tratar e prevenir as disfonias, como a consciência de que um trabalho de aperfeiçoamento vocal é necessário para a profissão. (MERCATELLI et al, 2000). A comunicação é avaliada como um todo pelos telespectadores, tanto a comunicação verbal como a não verbal, por isso, o trabalho com profissional do telejornalismo deverá ter um enfoque maior na articulação, gesticulação e expressão facial, além do tom da voz que deverá ser firme e agradável para prender o público, passando sua mensagem com segurança.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Quais os efeitos da atuação fonoaudiológica com estudantes de telejornalismo da UFSC?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar os efeitos da atuação fonoaudiológica com estudantes de telejornalismo da UFSC

1.2.2 Objetivos Específicos

- Medir os tempos máximos de fonação dos acadêmicos nos momentos pré e pós-intervenção fonoaudiológica.
- Comparar as avaliações perceptivo-auditiva dos participantes pré e pós-intervenção fonoaudiológica.
- Observar a pontuação e uso de pausas dos participantes pré e pós-intervenção fonoaudiológica.
- Observar a expressão não verbal dos participantes pré e pós-intervenção fonoaudiológica.

1.3 JUSTIFICATIVA

Após o levantamento bibliográfico sobre a atuação fonoaudiológica e os profissionais de telejornalismo, percebeu-se uma escassez de trabalhos que comparem os resultados de avaliações pré e pós-intervenção fonoaudiológica. Por meio dessa comparação, pode-se observar se a terapia de aperfeiçoamento vocal em alunos de telejornalismo tem resultados positivos; o que ao mesmo tempo, mostra a importância da inserção da fonoaudiologia em novos locais de trabalho, como no caso, os telejornais.

Esta pesquisa será desenvolvida em indivíduos sem queixa vocal, tendo uma visão de promoção e aperfeiçoamento vocal, fugindo da ideia clínica da fonoaudiologia atuando apenas no tratamento de disfonias. Enriquecendo a literatura já existente sobre o assunto.

Com a elaboração desta pesquisa, a autora ampliará seu campo de estágio, realizando uma prática diferente da feita pelos alunos do curso no estágio curricular. Sendo um preparo a mais para o campo de atuação futuro e uma oportunidade de se aprofundar mais no assunto em questão, voz profissional.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PRODUÇÃO VOCAL

A voz é o som gerado na laringe pelo movimento das pregas vocais, chamado de “buzz” laríngeo, e modificado no trato vocal, região que compreende desde as pregas vocais até os lábios. É produzida através de uma ação complexa, na qual os sistemas respiratório, digestivo e nervoso devem trabalhar em conjunto e coordenadamente. É através da voz que nos comunicamos desde os tempos primitivos, é ela que nos caracteriza como seres humanos e nos identifica como pessoa (BEHLAU; PONTES, 2009; CABRAL, 2008; KYRILLOS, 2003).

De acordo com Dedivitis e Barros (2002), a laringe é um órgão que participa das funções de respiração, deglutição (esfincteriana) e fonação, sendo que esta última foi adquirida tardiamente e é, fisiologicamente, a função menos crítica. Nemetz *et al* (2005) afirma que a fonação é considerada uma função adaptativa, pois a laringe não foi constituída para este fim.

As funções básicas da laringe de respiração, proteção e fonação são resultado de múltiplos reflexos polissinápticos, sendo apenas a função de proteção totalmente reflexiva, as outras podem ser iniciadas voluntariamente, apesar de sua regulação ser involuntária. (DEDIVITS; BARROS, 2002).

Segundo Behlau (2001a), a produção vocal voluntária demandou o desenvolvimento de diversas vias entre os músculos laríngeos e suas áreas cerebrais correspondentes, conectando-os. Ou seja, depende da interação de variados níveis do sistema nervoso e da atividade programada e coordenada dos receptores sensoriais.

O primeiro sistema ativado para que ocorra a produção da voz é o sistema nervoso central, este atua enviando o comando para a vocalização, que começa no córtex cerebral, a informação será conduzida ao núcleo motor do tronco cerebral para iniciar a ação coordenada dos músculos da laringe, tórax, abdome e articuladores do trato vocal (SATALOFF, 1997).

De acordo com Nemetz *et al* (2005, p. 7), “para a produção da fala contribuem três processos: o mecanismo de fole utilizando o ar oriundo dos

pulmões, a geração do som na glote através da vibração das pregas vocais, a ressonância e a articulação deste som”.

A vibração das pregas vocais é a fonte sonora que produz a fonação e fornece a voz. A fonação depende do poder da respiração pulmonar, sustentada pelos músculos abdominais e torácicos. Durante a inalação, o diafragma contrai, comprimindo as vísceras e, simultaneamente, puxando os pulmões para baixo e aumentando o seu volume. Enquanto o volume do pulmão expande, o ar é puxado para dentro dos pulmões passivamente. Durante a exalação, o diafragma relaxa e volta para sua posição de repouso, enquanto o ar é impulsionado para fora dos pulmões e passa através das pregas vocais e pelo trato vocal. Para que aconteça fonação na exalação, há a adução das pregas vocais na linha média, fazendo constrição do fluxo de ar (STEMPLE; GLAZE; KLABEN, 2010).

Ou seja, o ar é essencial para produzirmos a voz, pode ser considerado como o combustível energético da fonação (BEHLAU; PONTES, 2009; KYRILLOS, 2003). A fonação acontece na expiração, o ar passa pelo interior da laringe em alta velocidade criando uma pressão negativa em suas paredes, que aproxima estruturas flexíveis entre si, devido ao efeito Bernoulli. Na laringe, a estrutura mais flexível é a mucosa das pregas vocais, estas são sugadas pela passagem do ar expiratório, que cria uma pressão negativa nas paredes da laringe, assim que a musculatura adutora as aproxima. Esse efeito faz com que as pregas se toquem algumas vezes antes mesmo disso acontecer pela ação da musculatura adutora (BEHLAU, 2001a).

“A eventual emissão das ondas sonoras reconhecidas como a voz humana é consequência da filtragem deste som pelo sistema de ressonância” (BOONE; PLANTE, 1994, p. 46).

A combinação da aproximação das pregas vocais, por conta da vibração da mucosa e trabalho muscular, resulta no som básico da voz. Esse som é de fraca intensidade, porém, é amplificado nas cavidades oral, nasal e na garganta. Estas cavidades funcionam como caixas de ressonância (KYRILLOS, 2003).

Para Dedivitis e Barros (2002) a ressonância acontece na região imediatamente acima das pregas vocais, chamada supraglote, ou seja, na faringe, cavidade oral, cavidade nasal e nos seios paranasais. Dependendo do

tamanho, do tecido de revestimento e a posição dessas estruturas, o som pode ser amplificado ou amortecido.

Após o som básico da voz ser gerado na laringe e amplificado nas cavidades de ressonância, o som é articulado, formando as sílabas, palavras e frases. Behlau e Pontes (2009) afirmam que para produção dos diferentes sons, vogais e consoantes, utilizamos duas fontes sonoras, a glótica e as fontes friccionais. Sendo a primeira localizada na glote e formada pela vibração das pregas vocais, que produzem o som básico. A matéria-prima para todas as vogais principalmente. Já as fontes friccionais são responsáveis pela produção das consoantes, que ocorrem por um estreitamento parcial ou total das cavidades acima da laringe.

Para avaliarmos uma voz na clínica diária, utilizamos a avaliação perceptivo auditiva que, apesar de subjetiva e depender da experiência do avaliador, é considerada padrão ouro para avaliar a qualidade vocal, sendo tradicional na rotina clínica fonoaudiológica (GAMA et al, 2010). É feita por meio de uma investigação básica sobre os principais parâmetros incluídos na qualidade vocal de um indivíduo em sua fala habitual. (BEHLAU; PONTES, 1995; BEHLAU; MATTOS, 2001; DEDIVITIS; BARROS, 2002).

Os parâmetros vocais avaliados são, pitch, loudness, articulação, ressonância, velocidade e ritmo, extensão vocal e padrão respiratório. Pitch é a sensação psicofísica de frequência, é a percepção que o avaliador tem da frequência fundamental do sujeito. Loudness é a sensação psicofísica de intensidade, se o som é forte ou fraco. Ressonância é responsável pela moldagem e projeção do som. A articulação é realizada pelos órgão fonoarticulatórios, responsáveis pelos ajustes motores que formarão os sons da nossa língua. A velocidade e o ritmo estão ligados à articulação, representam os aspectos rítmicos da emissão. Extensão vocal é a quantidade de notas acima e abaixo da frequência fundamental que o indivíduo usa durante a fala. O padrão respiratório pode ser torácico, com pouca movimentação inferior e superior, apenas um deslocamento da região torácica média; abdominal, quando não há movimentos da região superior; ou diafragmático-abdominal, quando há uma expansão harmônica de toda a caixa torácica, é o padrão ideal para os profissionais da voz. (BEHLAU, 2001b)

2.2 PSICODINÂMICA VOCAL

Segundo Bloch (2003), “decifrar a voz é decifrar o homem por inteiro. Voz é a expressão sonora da personalidade”.

Do nascimento à primeira infância, a criança expressa seus estados de necessidade biológica através de vocalizações, que em seguida torna seu principal meio de comunicar seus estados de humor afetivo também. Essa expressão emocional pela voz é feita de forma espontânea, quando as crianças começam a aquisição da linguagem, utilizando palavras para se expressar, elas colorem a fala com o conteúdo emocional na voz. Os padrões rítmicos prosódicos fazem com que o modo como nos sentimos possa ser ouvido no som da nossa voz, não somente na primeira infância, mas durante toda a vida (BOONE; PLANTE, 1994).

Apresentamos características anatômicas responsáveis por um determinado tipo de voz ao nascermos, mas ao longo da vida, criamos uma identidade vocal a partir do que vivenciamos, das experiências nos relacionamentos interpessoais e da maneira como nos comunicamos com os outros. Além de mudar de forma constante ao longo da vida, a voz também se altera dependendo do interlocutor e da situação de comunicação (BEHLAU; PONTES, 2009). A voz modifica no decorrer da vida, fazendo adaptações que acompanham a evolução humana (QUINTEIRO, 1989).

“A voz contém uma série de dados inerentes a três dimensões do indivíduo: biológica, psicológica e socioeducacional. As informações trazidas pela dimensão biológica dizem respeito aos nossos principais dados físicos, tais como sexo, idade e condições gerais de saúde; os dados referentes à dimensão psicológica correspondem às características básicas da personalidade e do estado emocional do indivíduo durante o momento da emissão; já a dimensão socioeducacional oferece dados sobre os grupos a que pertencemos, quer

sejam sociais ou profissionais” (BEHLAU; PONTES, 2009, p. 17).

Através da nossa voz, exprimimos não apenas palavras, mas questões quanto à nossa personalidade, idade, sexo, profissão, estado de saúde, emocional, nossa intenção comunicativa, cultura, origem, estado hormonal e psíquico (NAPPI, 2006; BLOCH, 2002b).

Conforme Feijó (2003a), relacionar emoção e voz é algo que a maior parte das pessoas faz, mesmo que de forma inconsciente. Para a autora, as palavras podem disfarçar um sentimento, porém, os outros elementos contidos na fala o expõem. A emoção pode ser percebida nas variações feitas na frequência da voz, velocidade, inflexão e na melodia.

Para Bloch (2002a), a voz que usamos depende de três aspectos: da nossa auto-imagem, da voz do outro quando responde ou mesmo quando se matem calado e do conteúdo da mensagem.

A psicodinâmica vocal é o processo de análise do impacto que uma voz tem sobre o ouvinte, com o objetivo de auxiliar o paciente a identificar os elementos de sua qualidade vocal (BEHLAU; PONTES, 2009). Essa análise não pode ser considerada isoladamente, uma vez que os dados encontrados dependem do contexto da emissão, padrões sociais e cultural. (DEDIVITS; BARROS, 2002).

Na avaliação da psicodinâmica vocal, deve-se descrever o impacto psicológico que a qualidade vocal do indivíduo causa no ouvinte. Através da análise da impressão que é transmitida pela voz, deve-se pensar na sua possibilidade de rejeição ou aceitação social (BEHLAU, 2001b). O objetivo dessa análise é auxiliar o sujeito a reconhecer os elementos que compõem sua qualidade vocal, além de fazê-lo perceber os efeitos que a sua voz tem sobre o outro, o ouvinte (NAPPI, 2006).

Para facilitar a interpretação da psicodinâmica vocal, verifica-se as impressões transmitidas pelo tipo de voz, ressonância, frequência e extensão vocal (DEDIVITS; BARROS, 2002).

O modo como nos sentimos afetivamente pode ser ouvido tanto pelo som da nossa voz como nas mudanças dos padrões rítmicos prosódicos da vocalização. No entanto, pode ser ameaçador para um indivíduo que queria usar sua voz profissionalmente que seus sentimentos sejam percebidos pelo

outro, pois o profissional pode acabar passando uma impressão diferente da desejada, como de raiva, tristeza ou nervosismo (BOONE; McFARLANE, 2003). Esses dados são importantes quando consideramos o uso da voz profissional no telejornalismo, pois de acordo com Feijó (2003a, p. 50) “ainda que repórteres e apresentadores experientes possam ter características bem definidas, não se espera que sua personalidade se sobreponha à sua mensagem, desviando a atenção do conteúdo da notícia”.

2.3 TELEJORNALISMO

Por meio da comunicação que é possível a interação e a convivência entre os seres humanos, e essa necessidade de se comunicar levou o homem a desenvolver meios eficientes para transmitir e trocar informações, sendo a televisão uma das tecnologias criadas da evolução da linguagem oral, escrita, imprensa, rádio e cinema. (PATERNOSTRO, 2006).

Quando a televisão veio para o Brasil, trazida pelo empresário Assis Chateaubriand com a inauguração da TV Tupi em 1950, poucas pessoas tinham acesso à essa nova tecnologia devido ao contexto em que o país se encontrava, com dois terços da população vivendo no campo (MACIEL, 1994). Em pouco mais de 40 anos, a explosão tecnológica invadiu tanto a vida do homem como da televisão e, atualmente, a televisão é considerada como o maior veículo de comunicação de massa, com mais de 170 milhões de brasileiros tendo acesso a ela diariamente (COTES, 2005).

A TV é um meio de comunicação que muda a vida dos telespectadores, consegue modificar conceitos, formar opiniões, criar hábitos, influenciar comportamentos, além de aproximar as pessoas (PATERNOSTRO, 2006).

Segundo Maciel (1994), com os avanços da televisão brasileira, esta começou a desenvolver características próprias, criando uma linguagem e ritmo adequado para tratar os assuntos veiculados por ela, fazendo com que os profissionais acompanhassem esse desenvolvimento e se adaptassem a nova realidade.

Há algum tempo atrás, os jornalistas não expressavam emoções, mostrando-se sempre imparciais, apenas repassavam a notícia com uma fala estereotipada e sem expressividade, retrato do militarismo e da censura pós-

1968 (COTES, 2005). Além da influência política sobre a voz do telejornalista, outro fator a ser considerado é a origem do profissional, que veio do rádio e do jornal impresso, ou seja, a narração era radiofônica com uma voz impostada e dura (MARIA, 2004; LOPEZ, 2004).

Porém, no telejornal atual, há a preocupação em fazer um programa interativo, no qual o repórter demonstra sentimentos e apresenta uma postura menos rígida, expondo sua opinião de forma espontânea. Com essa mudança no padrão da apresentação, veio a preocupação pelo profissional em tornar-se um bom comunicador, e não apenas um leitor neutro (MERCATELLI et al., 2000).

Para Lopez (2004), o profissional precisa demonstrar seriedade ao mesmo tempo em que deve ser “íntimo” do telespectador, precisa ser natural e conversar com o receptor. A autora afirma que essa é uma postura complicada, pois o telejornalista tem um roteiro a seguir, no qual estão as palavras que foram previamente selecionadas e que deverão ser ditas durante a transmissão, fazendo com que a fala saia de forma artificial.

Além de bom comunicador, a profissão exige que o profissional tenha versatilidade e habilidade, pois o repórter experimenta diferentes situações em um mesmo dia, passando por momentos de reportagens em locais de manifestações a entrevistas com personagens importantes. (BEHLAU; STIER, 2001)

Ao refletir sobre todos os aspectos que os profissionais devem levar em consideração para que tenham um bom desempenho no telejornal, percebe-se o quanto a fonoaudiologia pode ajudar no trabalho em conjunto dos telejornalistas, com um olhar de aperfeiçoamento da comunicação.

Segundo Cotes e Kyrillos (2008), na década de 90, a maioria dos telejornalistas que procuravam a clínica fonoaudiológica apresentavam queixas vocais, e após a finalização do tratamento, optavam por permanecer no atendimento, com o intuito de aperfeiçoarem a voz. Desde então, tem crescido a procura por um atendimento fonoaudiológico que privilegie os cuidados com a saúde vocal por esses profissionais, que buscam melhorar o padrão de emissão profissional.

Para Behlau (2005), o público que procura o aperfeiçoamento vocal, geralmente, não apresenta problemas vocais ou lesões laríngeas, apenas tem

a consciência de que a comunicação é fator determinante para a função profissional que exerce. A autora menciona que os repórteres são profissionais com uma grande demanda vocal, pois alguns segundos no telejornal podem ter representado até dias de uso vocal excessivo para o preparo do material, com entrevistas, apurações e gravação do off.

Com o aumento da procura por um atendimento de aperfeiçoamento vocal, começou também um aumento de pesquisas científicas com essa população.

Torres (2005) pesquisou a intenção comunicativa do repórter, participaram do estudo 27 telejornalistas com uma média de 11 anos de experiência e que já faziam parte de um programa de atendimento fonoaudiológico oferecido pela TV há 7 anos. Os participantes foram gravados realizando a leitura de duas notas, uma com conteúdo editorial e outra de conteúdo esportivo, e deveriam ler cada nota duas vezes, na primeira com intenção de transmitir uma nota editorial e na segunda com intenção de transmitir uma nota esportiva. Especialistas identificaram qual era a intenção na voz de cada repórter, foi feita a relação das vezes que houve concordância entre a identificação e a intenção.

Castro Junior (2006) fez uma pesquisa sobre a atuação fonoaudiológica no aprimoramento da comunicação de alunos de telejornalismo. Participaram da pesquisa dois alunos, sujeito A e sujeito B. Foram usadas para análise perceptiva-auditiva uma gravação inicial e final dos alunos na aula prática de telejornalismo, os parâmetros avaliados foram: tom da voz, ritmo, gestos e construção do discurso do texto, esses podiam ser classificados como adequado ou inadequado. Após análise do primeiro registro, foi feita a intervenção, que consistia de orientações sobre a construção do texto da reportagem e melhor uso vocal e gestual. O resultado da avaliação inicial do sujeito B foi que apenas o parâmetro ritmo estava adequado, enquanto o sujeito A apresentou todos os parâmetros como inadequados. Na análise do segundo registro, feito pós-orientações, percebeu-se uma melhora de todos os parâmetros do sujeito A, passando a ter o resultado “adequado” para todos os aspectos pesquisados, já o sujeito B só não obteve melhora quanto ao ritmo de fala. Pôde-se concluir com o estudo que mesmo intervenções de curto tempo

apresentam resultados satisfatórios, tornando a comunicação dos telejornalistas mais clara e simples.

O estudo de Azevedo, Ferreira e Kyrillos (2009) tinha três objetivos principais: verificar as consequências da intervenção fonoaudiológica com telejornalistas do ponto de vista dos participantes, verificar se há melhora no desempenho nos momentos pré e pós-intervenção na opinião dos telespectadores e se existe diferença no julgamento dos telespectadores se levado em consideração a idade e sexo dos mesmos. Seis telejornalistas participaram da pesquisa. Cada jornalista respondeu a um questionário sobre a demanda e histórico ocupacional, passou por uma avaliação fonoaudiológica perceptivo-auditiva e foi gravado realizando a leitura de uma reportagem, a mesma reportagem seria lida e gravada após a intervenção para comparação. Após as avaliações e gravações pré-intervenção, os profissionais participaram de quatro encontros de intervenção fonoaudiológica, posteriormente realizaram uma avaliação auto perceptiva e as gravações pré e pós atuação seriam julgadas por telespectadores, sendo que esses não saberiam qual gravação corresponde a qual situação de intervenção. Quanto aos pontos positivos da intervenção, cinco telejornalistas relataram uma melhor na auto-percepção e percepção dos outros e quatro mencionaram o conhecimento de técnicas. Como ponto negativo quatro citaram o tempo reduzido de intervenção, de apenas quatro sessões. Sobre o julgamento dos telespectadores, houve uma preferência geral pela situação pós-intervenção, sendo que não houve predomínio quanto a idade ou sexo no julgamento dos telespectadores.

Na pesquisa de Chun et al (2007), participaram 45 alunos do último ano do curso de Jornalismo. Foi solicitado que cada graduando produzisse um desenho e um texto sobre sua própria voz. O achado do estudo foi que 44% dos alunos apresentavam uma ideia negativa sobre a própria voz, representando-a com desenhos e textos que remetiam à características como velocidade acelerada, voz afeminada, infantilizada, com sotaque e fraca. Concluiu-se que os sujeitos tinham conhecimentos sobre suas vozes e quais aspectos precisavam ser aperfeiçoados, sugerindo a necessidade de um trabalho de conscientização e aprimoramento vocal com essa população, tanto para melhor exercer a futura profissão como para sua qualidade de vida e de voz.

O estudo de caso de Alves, Rolim e Ferreira (2011) teve como objetivo avaliar os efeitos de uma intervenção fonoaudiológica com um jornalista com deficiência visual. Esse procurou atendimento fonoaudiológico com o objetivo de aperfeiçoar sua voz e fala na profissão. O paciente tinha como queixas dificuldade para leitura, apresentando uma respiração inadequada e fadiga vocal, e considerava sua voz anasalada. Foi realizada avaliação perceptivo-auditiva e análise acústica da voz do indivíduo. Os resultados obtidos na avaliação perceptivo-auditiva foi: qualidade vocal adequada, registro modal, tipo respiratório misto e modo oro-nasal, coordenação pneumofonoarticulatória boa, tempo máximo de fonação dentro do esperado para homens, ataque vocal isocrônico, sistema ressonantal laringo-faríngeo com compensação nasal, velocidade adequada, extensão restrita, articulação precisa com redução de abertura de boca, *pitch* grave e *loudness* adequado. Na análise acústica o paciente obteve todos os resultados dentro da normalidade, com a extensão fonatória entre 133,3 a 136,61 Hz e a dinâmica entre 68,44 a 76,65 dB. Após a avaliação inicial houve a elaboração do planejamento terapêutico, que consistiu de oito sessões que pretendia aumentar o conhecimento do indivíduo sobre a anatomia laríngea, fisiologia e uso adequado da voz, trabalhar o relaxamento cervical, aumentar o suporte respiratório, melhorar a resistência e extensão vocal, adequar a ressonância, ampliar a abertura de boca e otimizar a expressão facial, oral e corporal. Na última sessão foi realizada nova avaliação, percebeu-se uma diferença de resultados nos seguintes aspectos: sistema ressonantal laringo-faríngeo, aumenta da abertura de boca na articulação, maior extensão vocal, respiração mais nasal e aumento da extensão fonatória. Concluiu-se que a intervenção foi positiva e eficiente, também pode-se perceber que há pouco estudos que avaliam a efetividade do trabalho fonoaudiológico com objetivo de aprimorar a comunicação desses profissionais.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o número 54261 em 11 de junho de 2012. Trata-se de um estudo experimental, com amostra intencional e análise dos dados feita qualitativamente. A população foi constituída de seis alunos da graduação de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), matriculados na disciplina Telejornalismo ou estagiários do TJUFSC, que não estavam participando de atendimento fonoaudiológico no momento da pesquisa. Segundo Dyniewicz (2011), quando uma pesquisa tem como objetivo verificar os efeitos de uma intervenção, essa é classificada como experimental. A amostra intencional é composta de indivíduos escolhidos pelo pesquisador, para que todos estejam dentro dos padrões de inclusão. Quanto à abordagem de análise dos dados, de acordo com a autora, na pesquisa qualitativa há subjetividade e as informações são analisadas de forma não estruturada, buscando interpretar os fatos segundo a percepção.

O estudo foi realizada no Centro de Ciências da Saúde - CCS da UFSC, a coleta de dados teve início após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes. Os indivíduos foram identificados por letras: sujeito A, B, C, D, E e F.

Para a coleta dos dados foi utilizada uma câmera digital da marca Canon® modelo *Power shot SX40 HS*. Os sujeitos foram filmados no primeiro momento, pré intervenção, realizando a avaliação inicial e no segundo momento, pós intervenção, na avaliação final. Esses registros foram gravados em DVDs-R. A avaliação inicial e final consistiu em:

- a) medição e registro do Tempo Máximo de Fonação (TMF) das vogais /a/, /i/ e /u/, das consoantes /s/ e /z/
- b) registro da leitura de reportagem;

A escolha da análise da situação de reportagem foi feita com base nos achados da literatura, sobre a história do telejornalismo, que tem como origem o jornal impresso e ainda utiliza muito da escrita e leitura no telejornal, e a influência da fonoaudiologia na performance desses profissionais nos

momentos de reportagem e leitura de *teleprompter*. Por esses motivos, optou-se por trabalhar a situação de leitura de reportagem.

No presente estudo, foi realizada a análise perceptivo-auditiva das reportagens inicial e final de cada participante. Todos os sujeitos leram o texto antes da gravação para se familiarizarem com o conteúdo. Os indivíduos também poderiam mudar quaisquer palavras, frases ou reformular o texto, caso achassem necessário.

Os parâmetros avaliados na análise perceptivo-auditiva foram:

- a) sensação de frequência (*pitch*): adequado, agudo ou grave;
- b) sensação de intensidade (*loudness*): adequado, elevado ou reduzido;
- c) sistema de ressonância: equilibrada, laringo-faríngea, oral ou nasal;
- d) articulação, normal: sobrearticulada ou travada;
- e) velocidade e ritmo: leitura ou contada;
- f) pontuação e uso de pausas: adequada ou inadequada;
- g) expressão não verbal: repetitivo ou inexistente.

Destaca-se que foi considerado a velocidade e o ritmo como de leitura quando o acadêmico se apoiava completamente no texto, com a fala comprometida devido a erros de leitura. Já quando a velocidade era classificada como contada, a fala era mais fluente, parecida com a conversação.

Quanto à pontuação e uso de pausas, foi avaliado como adequado, os acadêmicos que realizaram a leitura da notícia respeitando os momentos das respirações a cada pontuação e deram ênfase aos pontos importantes do texto com as pausas.

No primeiro momento foi realizada uma entrevista, com o objetivo de conhecer a saúde geral, os hábitos vocais dos sujeitos e suas percepções quanto à própria voz. A entrevista foi realizada no mesmo dia da avaliação inicial e foi realizada em forma de uma conversa com o participante.

A intervenção consistiu de quatro encontros semanais, no primeiro dia foi explicado para os sujeitos a fisiologia da fonação e o que é a psicodinâmica vocal e como ela pode influenciar no trabalho do telejornalista. Além disso, foram dadas orientações quanto à higiene vocal e hábitos inadequados. Nas duas sessões seguintes foi realizado o treinamento vocal, este foi planejado

com exercícios específicos e individuais para cada participante, sendo baseado nos dados encontrados na avaliação perceptivo-auditiva da reportagem gravada no primeiro encontro e com a finalidade de aperfeiçoar os parâmetros que foram considerados inadequados. Os exercícios passados para cada aluno eram realizados nos encontros e foi recomendado que os sujeitos os realizassem em casa. Além das intervenções citadas, foi passado para os alunos exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal, para que realizassem durante os estágios e as aulas práticas de Telejornalismo.

A avaliação perceptivo-auditiva e do comportamento não verbal dos vídeos pré e pós-intervenção fonoaudiológica foi realizada pela orientadora especialista em Voz e pela pesquisadora principal. Os dados encontrados foram tabulados numa planilha Excel.

4 RESULTADOS

Este capítulo refere-se a apresentação dos dados obtidos na presente pesquisa.

A população do presente estudo foi composta por seis indivíduos, sendo que no que se refere ao gênero, três sujeitos eram do sexo masculino e três do sexo feminino. A idade dos indivíduos variou de 21 a 29 anos, sendo a média aritmética 23,3 anos.

Em relação aos hábitos vocais da população, apenas dois indivíduos (40%) relataram cometer abusos e ter hábitos vocais inadequados. Os sujeitos A e B referiram gritar e falar muito diariamente, sendo que o sujeito B ainda alegou ser tabagista. Destaca-se que na avaliação final, o sujeito B mencionou ter abandonado o hábito de fumar.

4.1 TEMPOS MÁXIMOS DE FONACÃO

O resultado obtido na avaliação do TMF indica a capacidade de controle da expiração do ar e a eficiência do fechamento glótico (DEDIVITIS; BARROS, 2002). Exceto um sujeito da amostra (16,6%) não apresentou aumento do TMF na situação pós-intervenção, porém, é importante frisar que este encontrava-se gripado na data da avaliação final.

A Tabela 1 mostra os resultados da avaliação dos TMFs dos seis sujeitos antes da atuação fonoaudiológica e a Tabela 2 os resultados pós-intervenção. A Tabela 3 apresenta a diferença entre os TMFs apresentados por cada sujeito no momento pós e pré intervenção, o qual demonstra a diferença positiva entre o momento pós e pré.

Tabela 1. Tempos Máximos de Fonação pré-intervenção fonoaudiológica.

Sujeito	Sexo	Média /a/ (segundos)	Média /i/ (segundos)	Média /u/ (segundos)	Média /s/ (segundos)	Média /z/ (segundos)
A	F	17,63	15,21	15,65	20,39	21,25
B	M	21	23,04	20,3	14,6	20,9
C	F	10,5	14,8	12,11	14,50	11,52
D	M	34	31	28	17	23,91
E	M	14,39	21,31	20	17,01	18,38
F	F	14	17,64	22,12	34	27

Tabela 2. Tempos Máximos de Fonação pós-intervenção fonoaudiológica.

Sujeito	Sexo	Média /a/ (segundos)	Média /i/ (segundos)	Média /u/ (segundos)	Média /s/ (segundos)	Média /z/ (segundos)
A	F	18,10	18,64	18,19	31,82	29,82
B	M	33,05	31,4	28,78	27,55	32,45
C	F	14,67	16,91	14,60	16,55	15,90
D	M	27,4	25,97	19,46	21,12	21,66
E	M	17,58	22,35	20,01	18,46	20,28
F	F	18,77	21,44	25,76	42,21	36,96

Tabela 3. Diferença entre TMFs pós e pré-intervenção (pós – pré).

Sujeito	Sexo	Média /a/ (segundos)	Média /i/ (segundos)	Média /u/ (segundos)	Média /s/ (segundos)	Média /z/ (segundos)
A	F	0,47	3,43	2,54	11,43	8,57
B	M	12,05	8,36	8,48	12,95	11,55
C	F	4,17	2,11	2,49	2,05	4,38
D	M	-6,6	-5,03	-8,54	4,12	-2,25
E	M	3,19	1,04	0,01	1,45	1,9
F	F	4,77	3,8	3,64	8,21	9,96

4.2 AVALIAÇÃO PERCEPTIVO-AUDITIVA

Para análise perceptivo-auditiva foi utilizado como material as reportagens gravadas na avaliação inicial e final.

No que se refere à sensação de frequência, 66,6% dos participantes apresentavam no momento inicial o *pitch* agudo, enquanto apenas 16,6% da população foram classificadas como adequado. No momento pós-intervenção, 83,3% dos acadêmicos foram avaliados com *pitch* adequado. Quanto à sensação de intensidade, 50% da amostra estavam adequadas, contra 16,6% apresentando *loudness* elevado e 33,3% reduzido na avaliação inicial. Após atuação fonoaudiológica, 100% dos indivíduos foram considerados com *loudness* adequado. A Tabela 4 e 5 representam os resultados das avaliações do *pitch* e do *loudness*, respectivamente, antes e depois das orientações e treinamento vocal de cada indivíduo.

Tabela 4. Avaliação da sensação de frequência (*pitch*)

Sujeitos	Adequado	Agudo	Grave
<i>Pré-intervenção</i>			
A		X	
B		X	
C		X	
D	X		
E			X
F		X	
<i>Pós-intervenção</i>			
A	X		
B	X		
C		X	
D	X		
E	X		
F	X		

Tabela 5. Avaliação da sensação de intensidade (*loudness*)

Sujeitos	Adequado	Elevado	Reduzido
<i>Pré-intervenção</i>			
A	X		
B	X		
C			X
D		X	
E			X
F	X		
<i>Pós-intervenção</i>			
A	X		
B	X		
C	X		
D	X		
E	X		
F	X		

No que concerne à ressonância da população durante a gravação de uma reportagem e antes das orientações e realização de exercícios vocais, 33,3% foi classificada como tendo a ressonância equilibrada, 50% oral e 16,6% laringo-faríngea. Nenhum dos indivíduos apresentou ressonância nasal. Após a intervenção, 100% da amostra apresentou ressonância equilibrada. Tais dados são abordados na Tabela 6.

Tabela 6. Avaliação da ressonância.

Sujeitos	Equilibrada	Oral	Laringo-faríngea	Nasal
<i>Pré-intervenção</i>				
A		X		
B		X		
C	X			
D	X			
E			X	
F		X		
<i>Pós-intervenção</i>				
A	X			
B	X			
C	X			
D	X			
E	X			
F	X			

A Tabela 6 dispõe sobre os resultados encontrados na avaliação da velocidade e ritmo. Todos os participantes da presente pesquisa foram analisados com velocidade e ritmo de leitura na pré-avaliação. Apenas dois sujeitos (33,3%), obtiveram uma melhora na avaliação final, mostrando uma velocidade e ritmo da notícia da reportagem como contada.

Tabela 7. Avaliação da Velocidade e ritmo.

Sujeitos	Contada	Leitura
<i>Pré-intervenção</i>		
A		X
B		X
C		X
D		X
E		X
F		X
<i>Pós-intervenção</i>		
A		X
B	X	
C		X
D		X
E	X	
F		X

Apenas um dos acadêmicos (16,6%) apresentou alteração da articulação, considerada sobrearticulada, e manteve este padrão no momento

pós-intervenção. O sujeito A, apesar de ter sua articulação avaliada como adequada, apresenta leve distorção do fonema /s/.

Na análise do uso da pontuação e pausas durante a reportagem, 100% da população estava inadequado antes da atuação da fonoaudiologia. No momento final, houve uma melhora de todos os participantes, com 100% da amostra avaliada com uso adequado da pontuação e pausas. Esses resultados são abordados na Tabela 8.

Tabela 8. Avaliação do uso da pontuação e pausas.

Sujeitos	Adequado	Inadequado
	<i>Pré-intervenção</i>	
A		X
B		X
C		X
D		X
E		X
F		X
	<i>Pós-intervenção</i>	
A	X	
B	X	
C	X	
D	X	
E	X	
F	X	

Quanto à avaliação da expressão corporal, dados dispostos na Tabela 9, pode-se perceber que 33,3% dos participantes apresentavam gestos adequados, enquanto 33,3% apresentaram movimentos repetitivos e 33,3% inexistência de gestos. Na avaliação final, os mesmos sujeitos que apresentavam gestos repetitivos, mantiveram este padrão.

Tabela 9. Avaliação da expressão corporal

Sujeitos	Adequado	Repetitivo	Inexistente
<i>Pré-intervenção</i>			
A		X	
B	X		
C		X	
D	X		
E			X
F			X
<i>Pós-intervenção</i>			
A		X	
B	X		
C		X	
D	X		
E	X		
F	X		

Durante a avaliação perceptivo-auditiva das gravações, pode-se perceber que os sujeitos A, D e E, 60%, apresentavam pouco ou nenhum olhar para a câmera no primeiro momento de avaliação. Na reportagem gravada pós-intervenção, apenas o sujeito D manteve esse comportamento.

5 DISCUSSÃO

Inicia-se neste capítulo a análise dos dados coletados na pesquisa, e sua correlação com estudos prévios existentes na literatura. Lembrando que o objetivo da pesquisa era verificar os efeitos da atuação fonoaudiológica com estudantes de telejornalismo da UFSC.

Sobre a população do estudo se constituir de acadêmicos, futuros profissionais da voz, a escolha foi feita devido à importância de se trabalhar a conscientização de um uso vocal saudável já na formação dos indivíduos, como afirma e sugere França (2003).

Na pesquisa da autora supracitada, que tinha como objetivo confirmar a importância da consultoria fonoaudiológica ao repórter de televisão, um dos dados encontrados foi que apenas 13% da sua amostra admitiu fazer uso de tabaco. Um número reduzido, assim como o encontrado na presente pesquisa, na qual apenas 1 dos sujeitos relatou ser tabagista, e o mesmo referiu não fazer mais uso de tabaco ao final da intervenção.

Quanto à saúde geral dos participantes, nenhum referiu apresentar qualquer doença, alergia ou uso de medicamentos. O mesmo dado foi encontrado na pesquisa de Ferreira *et al* (2012), realizada com universitários de 17 a 45 anos.

De acordo com Behlau e Pontes (apud Behlau et al, 2001), o valor esperado na emissão de vogais é em torno de 20 segundos para homens e 14 segundos para as mulheres. No entanto, valores acima dessas médias não são considerados anormais, apenas valores iguais ou inferiores a 10 segundos. Com a análise dos TMFs da população, constata-se que apenas dois sujeitos, C e E, apresentavam os tempos abaixo da média em uma ou mais vogais, se comparado com a média esperada para o gênero, porém, ambos poderiam ser considerados normais pela literatura. É importante ressaltar que após atuação fonoaudiológica, o sujeito C obteve TMFs dentro da média brasileira e o sujeito E, apesar de ter apresentado um aumento no tempo de todas as vogais, manteve a vogal /a/ abaixo da média.

Todos os participantes, exceto o sujeito D, atingiram tempos de duração mais longos na avaliação final, sendo que os tempos tiveram um aumento de 0,01 a 12,95 segundos, considerando todas as vogais e fonemas

cronometrados. O mesmo foi encontrado na pesquisa de Mendonça, Sampaio e Provenzano (2012), que verificou os TMFs de professoras antes e depois da atuação fonoaudiológica, as autoras mencionam que todas aumentaram seu TMF de dois a oito segundos.

Outro ponto notado em relação aos TMFs dos indivíduos é a tendência de uma duração mais longa do fonema fricativo /z/ em relação ao /s/ em 60% da amostra no momento de avaliação final e 80% na inicial. Esse achado corrobora com a literatura, Boone e McFarlane (1994) referem que quando o fechamento laríngeo valvular auxilia para a vocalização, a estrutura glótica inibe o fluxo de ar, o que contribui para uma duração maior.

O fato do sujeito D ter obtido na situação pós-intervenção TMFs menores do que os achados inicialmente, pode estar relacionado ao seu estado de saúde no dia da avaliação final. O acadêmico referiu estar gripado e constipado na data da avaliação, demonstrou bastante dificuldade para vocalizar as vogais e fonemas em tempos longos, como os obtidos na situação saudável, e apresentava uma respiração oral.

Os resultados obtidos na avaliação perceptivo-auditiva inicial, reforçam o que relata a autora Feijó (2003b), no que refere à população de telejornalistas não apresentar alterações vocais moderadas ou severas da qualidade vocal. Um dos tipos de alteração mais comum neste grupo é a voz infantilizada e feminilizada, dado encontrado no presente estudo se relacionarmos esse tipo de voz ao *pitch* agudo, presente em 66,6% da amostra na etapa pré-intervenção. A mesma autora refere (2003a) que é comum repórteres novos e com pouca experiência apresentarem a voz mais aguda, principalmente as mulheres.

Os achados quanto ao *loudness*, ressonância e articulação confirmam com os obtidos no estudo de Coelho (2005), no qual a amostra, formada por jornalistas de duas empresas de telecomunicações, apresenta características semelhantes quanto a esses parâmetros. Porém, quando comparados os resultados do *pitch*, ressonância e uso de pontuação, os dois estudos divergem. Uma possível causa é o fato de a autora ter como população indivíduos formados que trabalham na área há um certo período, dando-lhes mais experiência, além de já terem incorporado o papel vocal de jornalista.

Quanto ao parâmetro velocidade e ritmo, inicialmente todos os indivíduos foram considerados como inadequados, padrão de leitura, e apenas dois sujeitos (33,3%) apresentaram melhora após a atuação fonoaudiológica. O mesmo foi encontrado na pesquisa de Junior (2006), na qual os dois sujeitos da amostra apresentavam ritmo inadequado inicialmente e somente um deles obteve melhora com a intervenção.

A avaliação desse parâmetro na população de telejornalista é de extrema importância, pois segundo Lopes (2005) grande parte da fala dos telejornalistas é realizada por meio de leitura, sendo poucos os momentos nos quais há o predomínio da fala. O mesmo motivo levou as pesquisadoras do presente estudo a utilizarem como método de coleta de dados, a gravação da leitura de uma notícia, pois a situação da avaliação se assemelharia à de leitura do *teleprompter*.

Segundo Cotes (2007), o uso das pausas é diferente na língua falada e escrita. A autora declara que é preciso respeitar essa diferença no momento em que o telejornalista realiza a leitura do *teleprompter*, para que não gere uma fala com entonação artificial.

Nesta pesquisa, obteve-se como resultado o uso inadequado das pausas no momento pré-intervenção, com uma melhora de 100% dos sujeitos na segunda situação. Um dos motivos para essa melhora significativa, foi o fato de alguns indivíduos terem modificado boa parte do texto na data da avaliação final, enquanto outros apenas se apoderaram mais da notícia, mudando a estrutura de algumas frases. Ainda segundo Cotes (2007), é mais fácil interpretar um texto escrito pelo próprio sujeito do que um texto de outro autor.

Após análise das reportagens, observamos uma melhora geral na performance dos acadêmicos de Jornalismo na situação pós-intervenção, apesar dos vídeos terem passado apenas pelo julgamentos da orientadora e da pesquisadora, os dados corroboram com os achados de Alves (2007), aonde os telespectadores relataram preferência às reportagens feitas após as sessões de fonoaudiologia.

6 CONCLUSÃO

Conforme os objetivos levantados na presente pesquisa é possível afirmar que a intervenção fonoaudiológica com acadêmicos de jornalismo da UFSC gerou mudanças no perfil vocal e na comunicação não verbal dos mesmos, quando em situação de mídia televisiva.

Através do resultado dos TMFs e da avaliação perceptivo-auditiva pré e pós orientações e treinamento vocal, pôde-se demonstrar a influência positiva da atuação da fonoaudiologia na performance dos telejornalistas, aperfeiçoando a comunicação do profissional com os seus telespectadores, deixando-a mais clara e natural.

Sugere-se uma parceria entre os cursos de fonoaudiologia e jornalismo, possibilitando a troca de informações para um melhor preparo dos acadêmicos ao se formarem, tanto para os alunos de jornalismo, que terão maior conhecimento sobre o padrão vocal necessário para a profissão, como para os alunos de fonoaudiologia, que terão mais um campo de estágio prático para aprimorar seus conhecimentos em voz profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, N.L.L., ROLIM, M.R.P., FERREIRA, L.P. Efeitos de uma atuação fonoaudiológica na locução de um deficiente visual. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 1. p. 87-95. abr. 2011.

AZEVEDO, J.B.M.; FERREIRA, L.P.; KYRILLOS, L.R. Julgamento de telespectadores a partir de uma proposta de intervenção fonoaudiológica com telejornalistas. **Rev CEFAC**, São Paulo, v. 11, n. 1. p. 281-289, abr/jun. 2009.

BEHLAU, M. et al. Anatomia da laringe e fisiologia da produção vocal. In: BEHLAU, M. (org). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001a. v. 1.

BEHLAU, M. et al. Avaliação de voz In: BEHLAU, M. (org). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001b. v. 1.

BEHLAU, M. et al. Voz profissional: aspectos gerais da atuação fonoaudiológica. In: BEHLAU, M. (org). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

BEHLAU, M.; MATTOS, A. T. N. Análise perceptivo-auditiva de vozes em propagandas na língua árabe. In: BEHLAU, M. (org). **A voz do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. v. 1.

BEHLAU, M.; PONTES, P. **Avaliação e Tratamento das disfonias**. São Paulo, Lovise, 1995.

BEHLAU, M.; PONTES, P. **Higiene vocal: cuidando da voz**. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2009.

BEHLAU, M.; STIER, M.A. Voz profissional do repórter de TV In: BEHLAU, M. (org). **A voz do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. v. 1.

BLOCH, P. **Comunicação oral da criança e do adulto**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002a

BLOCH, P. **Seu filho fala bem?** 6. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002b

BLOCH, P. **Divulgando problemas de voz e fala**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003

BOONE, D.R.; PLANTE, E. **Comunicação humana e seus distúrbios**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BOONE, D.R.; McFARLANE, S. C. **A voz e a terapia vocal**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL. Lei nº 6965, de 9 de dezembro de 1981. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras

providências. Disponível em:
<<http://www.fonoaudiologia.org.br/legislacaoPDF/lei%20No%206.965,%20de%209%20de%20dez%201981.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2012

CABRAL, G.R. **Voz do ator**: análise perceptivo-auditiva na interpretação de diferentes personagens. São José, 2008. 61 f. Monografia (Graduação) – Curso de Fonoaudiologia, Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina.

CASTRO, JUNIOR, Y.L. **Atuação fonoaudiológica junto aos alunos de telejornalismo da faculdade Estácio de Sá**. São José, 2006. 26 f. Monografia (Graduação) – Curso de Fonoaudiologia, Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina.

CHUN, R.Y.S. et al. Promoção da saúde: o conhecimento do aluno de jornalismo sobre sua voz. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 19, n. 1. p. 73-80. abr. 2007.

COELHO, M.A.B.C. A narração no telejornalismo ao vivo. In: FEIJÓ, D.; GAMA, A.C.C.; KYRILLOS, L. (org.) . **Fonoaudiologia e telejornalismo**: relatos do IV encontro nacional de fonoaudiologia da central globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

COTES, C. A expressividade no telejornalismo brasileiro. In: FEIJÓ, D.; GAMA, A.C.C.; KYRILLOS, L. (org.) . **Fonoaudiologia e telejornalismo**: relatos do IV encontro nacional de fonoaudiologia da central globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

COTES, C. O uso das pausas nos diferentes estilos de televisão. **Rev CEFAC**, São Paulo, v. 9, n. 2, 228-37, abr/jun. 2007.

COTES, C.; KYRILLOS, L. A voz no telejornalismo. In: OLIVEIRA I. B. ; ALMEIDA A.A.F., RAIZE T. . **Voz profissional**: produção científica da Fonoaudiologia Brasileira. 3. ed. SBFa, 2008. Disponível em: http://www.sbf.org.br/portal/voz_profissional/telejornalismo.pdf Acesso em 12/04/2012

DEDIVITIS, R.A.; BARROS, A.P.B. **Métodos de avaliação e diagnóstico de laringe e voz**. São Paulo: Lovise, 2002.

DYNIEWICZ, A.M. Metodologia. In: **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. São Paulo: Difusa, 2007-2011.

FEIJÓ, D. A fala. In: KYRILLOS, L.; COTES, C.; FEIJÓ, D. **Voz e corpo na TV**: a fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Globo, 2003a.

FEIJÓ, D. Avaliando a comunicação oral. In: KYRILLOS, L. R. (org.) , **Fonoaudiologia e telejornalismo**: relatos de experiências na rede globo de televisão. Rio de Janeiro: Revinter, 2003b.

FERREIRA, L.P. et al. Relação entre os sintomas vocais e suas possíveis causas em estudantes universitários. **Int. Arch. Otorhinolaryngol.**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 306-312, jul/set. 2012.

FRANÇA, M.C. Voz em telejornalismo: fonoaudiologia e repórteres de TV. In: KYRILLOS, L.R. (org.) , **Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na rede global de televisão**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

GAMA, A. C. C. et al. Estudo do efeito do apoio visual do traçado espectrográfico na confiabilidade da análise perceptivo-auditiva. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n.2, p. 314-321, mar/abr. 2010.

KYRILLOS, L. A voz. In: KYRILLOS, L.; COTES, C.; FEIJÓ, D. **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. São Paulo: Globo, 2003.

LOPES, V. Considerações sobre tonicidade na leitura oral no telejornalismo. In: FEIJÓ, D.; KYRILLOS, L. **Fonoaudiologia e telejornalismo: baseado no III Encontro Nacional de fonoaudiologia da central global de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter. 2005.

LOPEZ, D.C. A simulação da oralidade no telejornalismo brasileiro. **Revista PV:BR**, ed. 4. 2004.
Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_g.htm>. Acesso em: 02 jun. 2013.

MACIEL, P. **Gui para falar (e aparecer) bem na televisão**. 2 ed. Porto Alegre: Sagra, 1994.

MARIA, A. História da fonoaudiologia no telejornalismo. In: FEIJÓ, D.; Kyrillos, L. (org.). **Fonoaudiologia e telejornalismo: baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Global de Jornalismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

MENDONÇA, R.A.; SAMPAIO, T.M.M.; PROVENANO, L. Medida do tempo máximo de fonação de professoras do município de niterói/RJ. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n 6, p 1204-1208, nov/dez. 2012.

MERCATELLI, C.R. et al. Análise comparativa da comunicação de repórteres de televisão em emissão espontânea e profissional. In: PICCOLOTTO, L.; COSTA, H. O. . **Voz ativa: falando sobre o profissional da voz**. São Paulo: Roca, 2000.

NAPPI, J.W.R. A voz e a construção do conhecimento: um encontro possível. Florianópolis, 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina.

NEMETZ, M.A. et al. Configuração das pregas vestibulares à fonação em adultos com e sem disfonia. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, São Paulo, v. 71, no. 1, p 6-12, jan/fev. 2005

PATERNOSTRO, V.I. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2ed., rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

QUINTEIRO, Eudosia Acuña. **Estética da voz**: uma voz para o ator. São Paulo: Summus, 1989.

SATALOFF, R.T. **Professional voice**: the science and art of clinical care. 2 ed., San Diego: Singular Publishing Group. 1997.

STEMPLE, J.C.; GLAZE, L.; KLABEN, B. **Clinical voice pathology**: theory and management. 4. ed. San Diego: Plural Publishing, 2010.

TORRES, M.L. Intenção comunicativa do repórter de TV. In: FEIJÓ, D.; GAMA, A.C.C.; KYRILLOS, L. (org.) . **Fonoaudiologia e telejornalismo**: relatos do IV encontro nacional de fonoaudiologia da central globo de jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso

Efeitos da intervenção fonoaudiológica com alunos de telejornalismo

Este projeto será desenvolvido junto aos discentes da graduação de jornalismo matriculados na disciplina de telejornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Tem por objetivo principal verificar o efeito da abordagem fonoaudiológica na expressão verbal e não verbal dos telejornalistas. A inclusão no estudo se dará pela participação é voluntária.

Caso concorde em participar solicitamos que preencha os espaços a seguir.

Eu,

RG: _____, abaixo assinado (a), concordo em participar desse estudo, estando ciente de que:

Este projeto não implicará na utilização de métodos invasivos e os riscos são mínimos.

Fica garantido o direito de confidencialidade dos participantes.

O participante pode retirar seu consentimento e se afastar da pesquisa quando desejar.

Fica garantido o acesso aos resultados do estudo.

Data ____/____/____.

Assinatura do participante

Pesquisador principal: Anna Carolina Russi
Contatos: annarussi@gmail.com